

# *Construindo Biografias... Historiadores e Jornalistas: Aproximações e Afastamentos*

---

*Benito Bisso Schmidt*

Nos últimos anos, as biografias têm alcançado um grande sucesso editorial no Brasil, igualando até as vendas dos manuais de auto-ajuda e dos livros escritos por magos, anjos e esotéricos em geral. Em 1994, o *Catálogo brasileiro de publicações* anunciava um crescimento de 55% do gênero em relação a 1987 (*apud* Mayrink e Gama, 1994: 104). Diversos autores lançaram-se neste filão, ora desnudando personalidades famosas, ora recuperando trajetórias de indivíduos que haviam sido relegados ao limbo da memória nacional. Comentando essa tendência, a revista *Manchete* (Baldi, 1996: 40-41) saudou os “caçadores da história” que “vasculham o passado, lançam *best-sellers* e traçam um novo retrato do Brasil”.

Paradoxalmente, os historiadores de ofício foram os menos festejados nessa releitura da história do país através de seus personagens. A festa foi sobretudo dos jornalistas que, com suas pesquisas minuciosas e seu estilo envolvente, conquistaram o público e a crítica. Ainda assim, a produção de

---

*Nota:* Agradeço as leituras atentas da historiadora Loiva Otero Félix e do jornalista Vítor *de Almeida*.

biografias no campo do conhecimento histórico, no Brasil e em outros países, é igualmente rica e importante, além de apontar para questões profundamente inovadoras. O jornalista Fernando Moraes, que escreveu a biografia do magnata da imprensa Assis Chateaubriand, observou a este propósito que não pretendia competir com a produção acadêmica: “ao contrário, utilizo-me dela. Mas há minúcias que só o jornalista vê” (*apud* Baldi, 1996: 41).

Partindo destas considerações, busco, no presente ensaio, refletir sobre a produção de biografias no âmbito da história e no do jornalismo, tentando detectar possíveis aproximações e afastamentos entre eles. Para tanto, dividi minha exposição em três partes. Na primeira, examino as razões da emergência do gênero biográfico entre historiadores e jornalistas; a seguir, faço uma comparação entre a abordagem histórica e a jornalística na construção de biografias; finalmente, aponto para as ricas possibilidades abertas pelos estudos biográficos recentes. Quero deixar claro que não reivindico uma “reserva de mercado” deste gênero para a área acadêmica, mas procuro demonstrar que “há minúcias que só o historiador vê”.

### ***1 – A emergência do gênero biográfico entre historiadores e jornalistas***

As razões da emergência do gênero biográfico entre historiadores e jornalistas são variadas e devem ser buscadas tanto no contexto social em que se inserem tais áreas quanto nos seus novos aportes teóricos e metodológicos. No que se refere ao contexto, é possível dizer que a massificação e a perda de referenciais ideológicos e morais que marcam a sociedade contemporânea têm como contrapartida a busca, no passado, de trajetórias individuais que possam servir como inspiração para os atos e condutas vivenciados no presente. Assim, por exemplo, o Mauá do jornalista Jorge Caldeira (1995) é o protótipo do *self-made-man* que, embora incompreendido em sua época, devido ao caráter agrário e escravista da sociedade brasileira de então, pode ser um modelo para os pretendentes a empresários nestes tempos de neoliberalismo. Da mesma forma, a inglória cruzada do moleiro Menocchio contra os dogmas da Igreja no século XVI, narrada brilhantemente pelo historiador italiano Carlo Ginzburg (1987), talvez sirva de exemplo para todos aqueles que lutam contra as tiranias, os discursos normativos e os valores e padrões morais dominantes.

Não se pode deixar de mencionar também um certo voyeurismo, mais ou menos velado, que impele muitos autores a investigar minuciosamente a vida privada dos outros, sobretudo dos personagens destacados, a fim de demolir mitos (transformando-os em “gente como a gente”) ou simplesmente para saciar a curiosidade dos leitores. Como ressalta o romancista João Ubaldo

## *Construindo Biografias...*

Ribeiro, “nas biografias existe o consolo do defeito (...). O leitor se sente confortado ao descobrir que grandes personalidades também cometeram deslizes e tiveram problemas” (*apud* Mayrink e Gama, 1994: 104). Isso ajuda a explicar o grande sucesso editorial das biografias. De acordo com Ângelo (1995: 127), a biografia é um “gênero que os editores do mundo inteiro derramam sem parar nas livrarias e que os livreiros expõem nos melhores pontos da loja exatamente porque há novos leitores à procura de novas biografias”.

No que diz respeito às tendências atuais do conhecimento histórico, mais especificamente, verifica-se um redespertar do interesse pelo gênero que, por muito tempo, foi considerado como “o modelo de história tradicional, mais sensível à cronologia e aos grandes homens que às estruturas e às massas” (Chaussinand-Nogaret, 1986: 86). Esta volta da biografia está relacionada com a crise do paradigma estruturalista que orientou uma porção significativa da historiografia a partir dos anos 60. De acordo com este estruturalismo, a história deveria, “antes de mais nada (...) identificar as estruturas e as relações que, independentemente das percepções e das intenções dos indivíduos, comandam os mecanismos econômicos, organizam as relações sociais, engendram as formas do discurso”. Em contrapartida, os historiadores atuais “quiseram restaurar o papel dos indivíduos na construção dos laços sociais” (Chartier, 1994: 102).

Assim, a recuperação dos sujeitos individuais na história pode ser vista como uma reação aos enfoques excessivamente estruturalistas, descarnados de “humanidade”, que caracterizaram boa parte da produção historiográfica contemporânea: o modo de produção de Marx e a longa duração de Braudel, por exemplo. Metodologicamente, esta mudança implica o recuo da história quantitativa e serial e o avanço dos estudos de caso e da micro-história. No círculo mais estritamente acadêmico, é importante salientar a aproximação da história com a antropologia, na qual o resgate das histórias de vida já é uma praxe, e com a literatura, preocupada com as técnicas narrativas de construção dos personagens.

O retorno da biografia é um movimento internacional e perceptível em diversas correntes recentes, tais como a nova história francesa, o grupo contemporâneo de historiadores britânicos de inspiração marxista, a micro-história italiana, a psico-história, a nova história cultural norte-americana, a historiografia alemã recente e também a historiografia brasileira atual. Apesar das diferenças entre estas tradições historiográficas, é marcante em todas elas o interesse pelo resgate de trajetórias singulares.

Desvendar as razões da emergência das biografias no âmbito do jornalismo é uma tarefa mais complicada, já que foge do meu campo profissional. Pode verificar que tal processo relaciona-se com o impacto do movimento chamado *new journalism*. Este último surgiu nos Estados Unidos na década de 60, tendo como expoentes Truman Capote, Tom Wolfe e Norman Mailer, e pode

ser definido como “a aplicação das técnicas ficcionais a textos de não-ficção” (Bueno, 1994: 7).

Segundo Lima (1993: 51-53),

(...) essa tendência foi apenas a expressão moderna de algo que sempre existiu ao lado da corrente convencional do jornalismo: o “jornalismo literário”. Repórteres rebeldes sempre procuraram, ao longo da história, manter viva a chama da reportagem mais solta, criativa, provocante, tirando da literatura – e de outras formas de compreensão e expressão do mundo – inspirações renovadoras.

O autor cita como exemplo de livro-reportagem inspirado nesta abordagem a biografia de Olga Benário, primeira mulher do líder comunista Luís Carlos Prestes, escrita pelo já citado Fernando Morais. Mais adiante tentarei mostrar que diversas características do *new journalism* são perceptíveis nas biografias históricas recentes produzidas por jornalistas. Por ora, gostaria de frisar que há um influxo comum à história e ao jornalismo, o qual ajuda a explicar o interesse de ambos pelo gênero em questão: a influência da literatura. É a partir deste aspecto que pretendo esboçar uma comparação entre os dois campos.

## ***2 – Biografias escritas por historiadores e biografias escritas por jornalistas: aproximações e diferenças***

A partir do século XIX, a história, buscando a afirmação de sua cientificidade, afastou-se da literatura. Verificou-se, então, a “proscrição da dimensão literária do discurso histórico (...), mais precisamente, a tendência em negar a narratividade como modo adequado de exposição da escrita histórica” (Cezar, 1994). Nos últimos anos, contudo, proclama-se a volta da história-narrativa que, de acordo com Stone (1991: 13-14), se diferencia da história estrutural por ser mais descritiva do que analítica e por direcionar seu enfoque ao homem e não às circunstâncias. Haveria ainda, segundo ele, uma maior preocupação, por parte dos historiadores narrativos, com os aspectos retóricos na apresentação de seus textos. Nas palavras do autor:

A narrativa aqui designa a organização de materiais numa ordem de seqüência cronológica e a concentração do conteúdo numa única estória coerente, embora possuindo subtramas.

(...)

Nenhum historiador narrativo, no sentido em que aqui os defini, deixa a análise totalmente de lado, mas ela não constitui o arcabouço de sustentação em torno do qual constroem sua obra.

## *Construindo Biografias...*

Esta aproximação com a literatura é uma característica marcante nas novas biografias produzidas por historiadores. Segundo Levi (1989: 1326), “a biografia constitui, com efeito, a passagem privilegiada pela qual os questionamentos e as técnicas próprios à literatura se colocam para a historiografia”. No mesmo sentido, Jacques Le Goff (1989), que recentemente lançou na França uma biografia de São Luís, afirma: “a biografia histórica deve se fazer, ao menos em um certo grau, relato, narração de uma vida, ela se articula em torno de certos acontecimentos individuais e coletivos – uma biografia não *événementielle* não tem sentido (...)”.

Para ilustrar tais afirmações, cito um exemplo da historiografia brasileira, retirado do estudo de Regina Horta Duarte (1991: 66-67) sobre o anarquista mineiro Avelino Fóscolo:

Sentindo-se totalmente engajado num projeto revolucionário que se apresentava a seus olhos como de âmbito mundial, predomina no pensamento de Fóscolo a imagem da semeadura e sua auto-representação como um semeador, aquele que avalia o terreno onde lançará os grãos, buscando condições para seu desenvolvimento. Fóscolo vê em Taboleiro Grande [lugarejo mineiro] as condições do brotar revolucionário: um povo explorado, oprimido, o convívio cotidiano entre os operários da fábrica do Cedro e os que labutavam nas fazendas próximas. Nas cantigas ouvidas em suas bocas, no brilho dos olhos observado durante as consultas em sua farmácia, Fóscolo sentia a revolta muda cuja existência mostrava em seus romances.

Por este trecho, percebe-se que a autora busca reproduzir o interior do personagem: seus pensamentos, fantasias, sentimentos e aspirações; recurso que até pouco tempo era considerado próprio da literatura e impensável na história. Ainda que partindo de registros documentais, Duarte inventa e introduz licenças poéticas no seu texto: “nas cantigas ouvidas em suas bocas, no brilho dos olhos (...), Fóscolo sentia a revolta muda (...)”.

A historiadora norte-americana Natalie Davis é bastante explícita em admitir o papel da invenção em seus trabalhos. Na introdução ao livro *O retorno de Martin Guerre* (1987: 21), ela afirma: “o que aqui ofereço ao leitor é, em parte, uma invenção minha, mas uma invenção construída pela atenta escuta das vozes do passado”.

A situação não é muito diferente nas biografias históricas produzidas atualmente por jornalistas. A literatura, com seu corolário ficcional, tem-se infiltrado de forma marcante também nesta área. O citado Jorge Caldeira classifica a biografia como “um híbrido (...) que exige tanto fontes documentais como interpretação e ficção” (*apud* Benchimol, 1995: 96). Já o jornalista Alberto Dines, que escreveu as biografias de Stefan Zweig e de Antônio José da Silva

(o “Judeu”), afirma: “quem se deixa levar pela curiosidade, não deve temer a invenção. (...) a fidelidade aos fatos não é inimiga da criatividade (...). Importante assinalar que o biógrafo não é um mero colecionador de informações, inéditas ou não, mas um reconstrutor de existências, narrador de vidas, como dizia Virginia Woolf (...)” (*apud* Benchimol, 1995: 101). Um trecho do *best-seller* *Chatô*, por exemplo, mostra o percurso de Fernando Morais (1994: 32) pelo corpo e pela mente do seu biografado. Ao relatar a infância de Assis Chateaubriand, o autor descreve alguns dos traços físicos e psicológicos do personagem: “se a feiúra e a magreza não o faziam diferente dos amigos – ali quase todos eram feios e magros –, a gagueira da infância o transformaria num tímido incurável, arredio e envergonhado”.

Algumas vezes, historiadores e jornalistas valem-se, inclusive, dos mesmos recursos narrativos para construir biografias: o *flashback*, por exemplo. Neste sentido, Morais afirma: “Eu, pessoalmente, não me sinto muito atraído pela estrutura cronológica rígida, do tipo nasceu assim, viveu assim, morreu assim. O recurso do *flashback*, por exemplo, pode dar mais vida ao texto” (*apud* Benchimol, 1995: 102). Assim, *Chatô* começa com a agonia e morte do biografado e só depois retorna à infância do mesmo. O livro *Guilherme Marechal* do historiador francês Georges Duby (1987), que enfoca a trajetória de um cavaleiro medieval entre os séculos XII e XIII, também apresenta esta estrutura: inicia com a doença e os rituais fúnebres de Guilherme para depois narrar suas aventuras.

Enfim, quero ressaltar que o gênero biográfico emerge na história e no jornalismo no bojo de um processo de aproximação destas áreas com a literatura, o que implica uma incorporação do elemento ficcional e a adoção de determinados estilos e técnicas narrativas. Porém, apesar de tal semelhança, é possível destacar igualmente algumas diferenças importantes entre as biografias produzidas por historiadores e aquelas construídas por jornalistas.

Em primeiro lugar, há um tratamento diferenciado das fontes de pesquisa. A historiografia, apesar de suas significativas transformações teóricas e metodológicas recentes, manteve-se fiel à tradição da crítica (interna e externa) aos documentos: quem produziu determinado vestígio? em que situação? com quais interesses? Estes questionamentos, primários na investigação histórica, nem sempre estão presentes nos trabalhos jornalísticos.

Assim, por exemplo, Fernando Morais realizou uma minuciosa pesquisa documental para construir a biografia de Assis Chateaubriand: consultou jornais, fotografias, documentos oficiais e sobretudo valeu-se de numerosas entrevistas (184 ao todo!). Sua preocupação com os detalhes é notável e transparece ao longo de todo o livro, o que contribui para compor o “clima” da época em que viveu o personagem. De acordo com o autor, “quanto mais minuciosa e

detalhista tiver sido a pesquisa, tanto mais fácil será a segunda fase do trabalho, que é a produção do texto final” (*apud* Benchimol, 1995: 100). Ou então: “se quero saber como Chatô estava vestido numa determinada ocasião e me respondem ‘da maneira de sempre’, não posso aceitar. De sempre como? Terno branco, gravata comprida, sapato bariri de duas cores, quem está no local, como era o ambiente e por aí afora. (...) Sou mais que obsessivo, sou doentio com esse negócio de precisão” (*apud* Mayrink e Gama, 1994: 107).

Esta “doença”, que acompanha também muitos historiadores, serve, nesse caso, para dar um “sabor de verdade” à trama apresentada. Porém, as informações retiradas das fontes, e encaixadas na narrativa, não são colocadas “sob suspeição”, ou seja, não têm seus locais e mecanismos de produção investigados. Por exemplo, na maior parte das vezes, Morais usa as falas dos depoentes como dados, e não como leituras, da realidade. Desta forma, não leva em conta os complexos processos de recriação do passado, das relações entre o lembrar e o esquecer, que marcam o funcionamento da memória (e que vêm sendo tão ressaltados pelos estudiosos da história oral).

Já o mencionado historiador Georges Duby (1987: 12), apesar do forte acento literário de seu *Guilherme Marechal*, não deixa de fazer uma crítica da principal fonte pesquisada: um poema escrito em homenagem ao cavaleiro biografado. Diz ele: “Escutemos suas palavras, ou pelo menos essas cuja memória mais tarde se preservou, após sua morte, na casa de seus herdeiros, essas que eles julgaram dignas de sua glória (...)”. Portanto, o autor explicita, ainda que “por dentro” da narrativa, o caráter seletivo do documento consultado e o interesse ao qual ele respondia (a glorificação de Guilherme).

Quanto ao aspecto formal, Fernando Morais (1994) não faz referências a suas fontes ao longo do texto, deixando para citar apenas no final do livro a lista dos personagens entrevistados (p. 701-703) e a bibliografia utilizada (p. 705-707). Deve-se ressaltar também que o jornalista quase nunca separa com nitidez a sua fala enquanto narrador da transcrição dos documentos. Questionado sobre este ponto, Morais ressaltou que a inclusão de informações sobre as fontes implicaria “entupir o livro de notas, nos rodapés ou no final do volume”. Além disso, segundo ele, “a maioria dos entrevistados falou sobre tudo, de maneira que uma divisão por tópicos ficaria extensa e redundante” (*apud* Mayrink e Gama, 1994: 107). Ou seja: privilegiou-se a fluidez da narrativa ao invés da precisão formal que, longe de ser apenas um artifício técnico, permite ao leitor conhecer as informações que serviram de base para a construção do texto e cotejar as mesmas com as interpretações do autor.

Alguns historiadores já demonstraram que clareza e elegância estilística não são incompatíveis com as normas técnicas exigidas pelos trabalhos acadêmicos. Neste sentido, por exemplo, Carlo Ginzburg (1987: 13) afirmou que seu

livro *O queijo e os vermes* “pretende ser uma história bem como um escrito histórico. Dirige-se, portanto, ao leitor comum, bem como ao especialista. Provavelmente apenas o último lerá as notas, que coloquei de propósito no fim do livro, sem referências numéricas, para não atravancar a narrativa”. Assim, a origem das informações apresentadas foi explicitada sem prejuízo do encaideamento do texto.

Quero apontar outra diferença, ainda mais importante, entre as biografias produzidas no campo da história e as elaboradas no âmbito do jornalismo. Acredito que, nestas últimas, o conteúdo ficcional é maior do que nas primeiras. Como ressaltai anteriormente, o *new journalism* buscou aproximar-se da literatura. Segundo Tom Wolfe (*apud* Bueno, 1994: 7), um dos precursores desta corrente, o objetivo da mesma seria

(...) descrever a realidade tão detalhada e fielmente quanto possível, conferindo a tal descrição um tratamento até então destinado exclusivamente ao romance ou ao conto. Isso, e mais: descobriu-se que um artigo jornalístico podia – devia, na verdade – recorrer a todos os artifícios literários (diálogos, monólogos interiores, teorizações ensaísticas), simultaneamente e dentro de um espaço breve, capturando o leitor, emocional e intelectualmente.

O impacto deste movimento foi mais limitado no caso da reportagem em periódico, seja porque as empresas jornalísticas inibem o emprego de recursos literários (já que pretendem dar a impressão de objetividade e imparcialidade na divulgação das notícias), seja porque a extensão da matéria não requer o uso de técnicas narrativas variadas. Porém, no que se refere à reportagem em livro, como é o caso das biografias, a influência da literatura foi muito mais marcante (cf. Lima, 1993: 43).

Morais (1994: 480), por exemplo, recheia seu livro de diálogos:

Em sua primeira manhã em Londres, dias depois, [Assis Chateaubriand] pediu no restaurante do refinado hotel Claridge’s um prato de ovos com bacon. O garçom riu:

– Ovos nós temos. Bacon, não.

O jornalista estrilou:

– Como não têm bacon? Está aqui no cardápio. A porção está cara, sete pence, mas eu pago.

O funcionário deu uma resposta muito parecida com a do cocheiro parisiense.

– Há bacon no cardápio, mas não na cozinha. O senhor não lê jornais?

## *Construindo Biografias...*

Este é um exemplo de texto ficcional que, embora baseado em certas informações, não aparece em nenhum registro na forma como foi apresentado, servindo mais como um recurso estilístico.

A invenção é ainda maior em outros momentos do texto sobre Chatô, como no primeiro parágrafo do livro, quando o autor narra um delírio do personagem em estado de coma, pouco antes de morrer.

Inteiramente nus e com os corpos cuidadosamente pintados de vermelho e azul, Assis Chateaubriand e sua filha Teresa estavam sentados no chão, mastigando pedaços de carne humana. Um enorme cocar de penas azuis de arara cobria os cabelos grisalhos dele e caía sobre suas costas, como uma trança. O excesso de gordura em volta dos mamilos e a barriga flácida, escondendo o sexo, davam ao jornalista, a distância, a aparência de uma velha índia gorda. Pai e filha comiam com voracidade os restos do bispo Pero Fernandes Sardinha, cujo barco adernara ali perto, na foz do rio Coruripe, quando o religioso se preparava para retornar à pátria portuguesa. Quem apurasse o ouvido poderia jurar que ouvia, vindos não se sabe de onde, acordes do “Parsifal”, de Wagner. No chão, em meio aos despojos de outros naufragos, Chateaubriand viu um exemplar do “Diário da Noite”, em cujo cabeçalho era possível ler a data do festim canibal: 15 de junho de 1556. (Morais, 1994: 13)

No trecho citado, o estilo da narrativa lembra outra característica do *new journalism*: o recurso do “fluxo de consciência”, ou seja, “a reprodução do pensamento do personagem, geralmente na forma desorganizada como várias coisas simultâneas nos vêm à mente”, que normalmente era visto como privilégio da literatura (Lima, 1993: 49).

Na biografia de Irineu Evangelista de Sousa, barão e visconde de Mauá, escrita por Jorge Caldeira, é possível detectar também um outro traço desta corrente jornalística (visível também em *Chatô*): a idéia de

(...) registrar gestos, hábitos, costumes, vestuário, decoração e tudo que sirva para o leitor situar, deduzir, inferir melhor o estado de ânimo dos personagens focalizados pela matéria, os cenários dos relatos, a época, a posição que ocupam na sociedade ou que gostariam de ocupar. O objetivo é fazer o leitor captar uma impressão mais densa e completa da realidade que o relato reproduz. (Lima, 1993: 50)

Esta intenção é visível, por exemplo, na seguinte passagem, na qual Caldeira (1995: 56) retrata a movimentação do Paço do Rio de Janeiro em 1823, ano da chegada do menino Irineu à capital do Império:

O entra-e-sai do Paço era uma grande atração até mesmo para os acostumados habitantes da capital. Sem muros nem jardins que o isolassem, fica exposto à curiosidade de qualquer passante. Na frente do prédio, elegantes senhoras com vestidos longos e sombrinhas andavam de mãos dadas, fazendo seu passeio. Volta e meia suas conversas eram interrompidas por um ou outro passageiro de cadeirinhas carregadas por escravos, que tiravam os chapéus para cumprimentar. Mas de vez em quando tanto um como outras voltavam os olhos para o interior do edifício; a esperança de ver de relance o imperador ou algum membro da família real passando pelas salas externas, que as grandes janelas abertas deixavam ao alcance do olhar, estava na cabeça de todos.

(...)

Para um menino [Irineu] que ainda não conseguia distinguir as coisas da cidade, havia muito mais para olhar naquele lugar.

Não estou afirmando que Moraes e Caldeira foram influenciados diretamente pelo *new journalism*, mas sim que tal movimento contribuiu para que os jornalistas incorporassem elementos e técnicas próprios da literatura.

Já no campo da história, apesar de a aproximação com a literatura também ser marcante, a margem de invenção é menos dilatada. Afinal, os historiadores, por dever de ofício, têm um compromisso muito mais cabal com sujeitos históricos concretos, que existiram na realidade e que chegam até o presente através dos documentos. Ou seja, os trabalhos produzidos nesta área, para além de suas qualidades estilísticas, devem prestar contas ao “tribunal de apelação’ da história” (expressão de Thompson, 1981: 74): o passado e seus vestígios.

O historiador francês Jean Orioux (1986: 39-40) – biógrafo de Voltaire, La Fontaine, Talleyrand e Bussy-Rabutin – corrobora esta idéia:

(...) por maior que seja a capacidade criativa do romancista, os seus personagens nasceram dele, só podem existir graças a ele, são, por mais que se queira, fictícios. Pelo contrário, eu sei, e não sou o único a sabê-lo (...), que Talleyrand existiu, sem qualquer sombra de dúvida, em carne e osso, e os textos, que o evocam e entre cujas linhas descubro o seu rosto e as suas manigâncias, esses textos – dizia eu, não são letra morta, a vida corre e palpita através destes testemunhos.

Deve-se notar que muitos romancistas também escolhem, como tema de suas narrativas, a trajetória de personagens reais e realizam igualmente minuciosas pesquisas documentais. Porém, insisto, seus compromissos são

diferentes daqueles que se impõem aos historiadores. As possibilidades de invenção destes últimos estão sempre restritas a um “campo de possibilidades historicamente determinadas” (Ginzburg, 1989: 183) que obviamente não é ilimitado.

Ana Miranda, autora dos romances biográficos *Boca do Inferno* (sobre Gregório de Matos) e *A última quimera* (sobre Augusto dos Anjos), ao comentar sobre seu processo de criação, aponta para este descompromisso do romancista em relação às fontes, o que, neste gênero, não chega a se constituir num problema: “a coleta do material não é nada científica, porque minhas fontes são tudo o que *meus sentidos* me informam, desde um raio de luz que incide num botão de madrepérola até a maneira de um sujeito acender seu cigarro na rua” (*apud* Benchimol, 1995: 100, grifo meu). Em seus livros, de uma qualidade estilística inegável, as referências históricas visam sobretudo conferir verossimilhança à narrativa literária. Por exemplo, ao referir-se à Bahia de Gregório de Matos, a autora escreve:

Ainda se viam resquícios dos danos causados pelas guerras contra os holandeses, desde quase sessenta anos antes. Ruínas de casas incendiadas, roqueiras abandonadas, o esqueleto de uma nau na praia. Em lugares mais ermos, podia-se encontrar, cobertos pelo mato, estepes de ferro de quatro pontas. Perto da porta do Carmo havia, ainda, covas profundas e altos baluartes que tinham servido de trincheira. (Miranda, 1989: 11)

No caso da historiografia, estes momentos de invenção devem ser sempre sinalizados ao leitor através da utilização de palavras como “provavelmente”, “talvez”, “pode-se presumir” etc. (cf. Ginzburg, 1989: 183). Natalie Davis (1987: 24), por exemplo, constrói diversas hipóteses para explicar a partida do camponês Sanxi Daguerre, pai do personagem principal de seu livro *O retorno de Martin Guerre*, da região basca francesa para uma aldeia do Condado de Foix, em 1527. Diz ela:

(...) Sanxi Daguerre decidiu partir. Talvez devido às eternas ameaças de guerra que pesavam sobre a região (...). Na origem da partida talvez estivesse um motivo pessoal, uma briga entre Sanxi e seu pai (...) ou outra pessoa qualquer; ou talvez a iniciativa viesse da mãe de Martin, pois as mulheres bascas passavam por intrépidas e davam suas vontades a conhecer.

Sobre o trabalho de Davis, Ginzburg (1989: 183, grifos meus) afirma acertadamente:

A investigação (e a narração) de N. Davis não se baseia na contraposição entre “verdadeiro” e “inventado”, mas na integração, *sempre assinalada pontualmente*, de “realidades” e “possibilidades”. (...) A biografia das personagens de N. Davis torna-se de vez em quando a biografia de outros “homens e mulheres do mesmo tempo e lugar”, reconstituída com sagacidade e paciência, recorrendo a fontes notariais, judiciárias, literárias. “Verdadeiro” e “verossímil”, “provas” e “possibilidades” entrelaçam-se, *continuando embora rigorosamente distintas*.

Na minha investigação sobre o militante socialista Antônio Guedes Coutinho (1868-1945), ao abordar a produção teatral do personagem, recorri a um artifício semelhante para marcar o espaço de invenção introduzido na narrativa:

Os espetáculos “fiscavam” os espectadores pelo coração. Não encontrei [nas fontes] nenhuma referência à encenação de “Antônio” [a peça] mas, *num exercício de imaginação*, é possível pensar que a história tenha despertado no público sentimentos como a raiva contra a exploração capitalista (...) e a esperança de um futuro melhor (...). (Schmidt, 1996: 163, grifo meu)

Ou seja, assim como o romancista, o historiador pode utilizar-se da imaginação, desde que esta seja explicitada ao leitor enquanto tal e balizada pelas fontes disponíveis. Estes procedimentos nem sempre são seguidos pelos jornalistas-biógrafos que, pelo menos nos casos mencionados, preferem tramar em seus textos o “verdadeiro” e o “verossímil”, as “provas” e as “possibilidades”.

Além disso, a narração não deve excluir a explicação nos trabalhos biográficos produzidos por historiadores. Pelo contrário, o resgate de trajetórias individuais normalmente é utilizado para iluminar questões e/ou contextos mais amplos. Como nos ensina Hobsbawm (1991: 41, grifo meu), “o acontecimento, o indivíduo, e mesmo a reconstrução de algum estado de espírito, o modo de pensar o passado, não são fins em si mesmos, mas constituem o meio de esclarecer alguma questão mais abrangente, que vai muito além da estória particular e seus personagens”.

Neste sentido, por exemplo, Sérgio Ricardo Coutinho (1995: 148-149, grifo meu), em seu trabalho sobre o religioso, político e literato Victor Coelho de Almeida (1879-1944), procurou “observar, *através* da vida de Victor Coelho, as disputas político-religiosas entre católicos e protestantes, a proposta de ambos para os operários e a atividade política e intelectual no estado de Goiás, além da sua experiência de vida (idéias, necessidades, desejos)”. No caso citado, é explícita a tentativa de articular o individual e o social, o subjetivo e o contextual.

Assim, na atualidade, as biografias escritas por historiadores não se esgotam em si mesmas, mas servem para revelar dimensões de certos problemas de pesquisa não perceptíveis através de enfoques macroscópicos. Por isso, discordo de Jorge Caldeira (*apud* Baldi, 1996: 42) quando ele afirma que “biografia para comprovar tese é loucura”. Penso, pelo contrário, que os estudos biográficos podem ser de grande valia para a comprovação ou para a refutação de diversas teses consagradas. Só para lembrar um exemplo, bastante conhecido, o trabalho de Ginzburg (1987) sobre o moleiro Menocchio possibilitou repensar as relações entre cultura camponesa e cultura letrada na Europa pré-industrial.

Em suma, entendo que as biografias produzidas no campo da história e aquelas construídas no do jornalismo, apesar de algumas aproximações significativas, apresentam também diferenças marcantes, tanto formais quanto epistemológicas.

### ***3 – Os avanços recentes do gênero biográfico***

Nesta seção ressaltarei algumas características das biografias recentes, elaboradas por historiadores e por jornalistas. Do meu ponto de vista, essas características apontam para uma significativa renovação do gênero.

Em primeiro lugar, a preocupação central dos biógrafos – historiadores e jornalistas – parece ser a de desvendar os múltiplos fios que ligam um indivíduo ao seu contexto. Obviamente que, pelo menos no campo do conhecimento histórico, a relação indivíduo/sociedade não se constitui propriamente num problema novo. Contudo, na maior parte das vezes, os autores tenderam a enfatizar um dos pólos da relação: o homem ou o contexto, o sujeito ou a estrutura, o voluntarismo ou o determinismo, a liberdade ou a necessidade. Hoje, pelo contrário, um número significativo de historiadores procura pensar a articulação entre as trajetórias individuais examinadas e os contextos nos quais estas se realizaram como uma via de mão dupla, sem cair nem no individualismo exacerbado (como nas biografias tradicionais, do tipo “a vida dos grandes vultos”), nem na determinação estrutural estrita (como nas análises marxistas ortodoxas).

Tomo como exemplo o estudo do historiador inglês Christopher Hill sobre Oliver Cromwell (1988), publicado no Brasil com o título de *O eleito de Deus*. O autor relaciona o personagem focado com o contexto da Inglaterra no século XVII: “qualquer estudo sobre sua pessoa [de Cromwell] (...) não será apenas a biografia de um grande homem. Deverá incorporar os acontecimentos da época em que ele viveu e que se revelaram cruciais para o posterior desenvolvimento da Inglaterra e de seu império” (p. 14). Contudo, Hill não deixa de reconhecer a importância decisiva da atuação individual de Cromwell na

configuração deste contexto: “Assim, para o bem e para o mal, Oliver Cromwell presidiu as grandes decisões que determinaram a futura trajetória da história inglesa e mundial” (p. 232).

Esta preocupação também se encontra entre os biógrafos que são jornalistas. Morais (*apud* Benchimol, 1995: 100), por exemplo, afirma: “um personagem me seduz quando, além de ter tido uma vida rica, interessante, permite que, por intermédio de sua trajetória, seja possível recontar um pouco da história não oficial, da história que não nos contaram nos bancos de escola”. Um trecho do *Mauá* de Jorge Caldeira (1995: 328) ilustra isso. Nele o autor procura posicionar o personagem-título, ainda que pela sua excepcionalidade, no seu contexto (econômico, no caso): “o conjunto de negócios [de propriedade de Mauá] adquiria proporções gigantescas para a época. Num mundo onde imperavam empresas familiares e nasciam as primeiras grandes estatais, nenhum empresário podia se comparar a Mauá – e a desproporção só crescia com a política de juros altos (...)”. Enfim, penso ser importante destacar que uma das tarefas fundamentais do gênero biográfico na atualidade é recuperar a *tensão*, e não a oposição, entre o individual e o social.

Chama também a atenção a escolha dos personagens biografados: não apenas os “grandes homens” merecem esta dignidade, mas também as pessoas comuns, os subalternos, a “gente miúda”. Neste sentido, Ginzburg (1987: 27) ressalta a importância de se estender o conceito histórico de indivíduo às classes mais baixas: “alguns estudos biográficos mostraram que um indivíduo medíocre, destituído de interesse por si mesmo – e justamente por isso representativo – pode ser pesquisado como se fosse um microcosmo de um estrato social inteiro num determinado período histórico (...)”. Trabalhos como o do próprio Ginzburg sobre o moleiro Menocchio, ou o de Natalie Davis sobre Martin Guerre, alcançaram grande repercussão entre os historiadores por desfazerem a idéia de que os membros dos grupos populares estavam “excluídos, por definição, de toda a biografia” (Vovelle, 1985: 191).

No campo do jornalismo, há um interesse preferencial pelas trajetórias de indivíduos destacados: a do magnata Chatô, a do empresário Mauá, a do escritor Nelson Rodrigues, a do jogador Garrincha (estes dois últimos biografados por Castro, 1992 e 1995, respectivamente) etc. Muitos deles já haviam caído no esquecimento e, através da publicação de suas biografias, voltaram a ser conhecidos por um número significativo de pessoas. Não é preciso salientar o alcance social e cultural deste fato num país como o nosso, em que, como diz o escritor Ivan Lessa, a cada dez anos se esquece o que se passou na última década (*apud* Mayrink e Gama, 1994: 104).

Vemos também que, atualmente, muitos biógrafos buscam resgatar facetas diferenciadas dos personagens enfocados e não apenas, como nos

trabalhos tradicionais, a vida pública e os feitos notáveis dos mesmos. Assim, emergem em seus textos, entre outros aspectos, os sentimentos, o inconsciente, a cultura, a dimensão privada e o cotidiano. Duby (1993: 139), por exemplo, comenta que procurou compreender Guilherme Marechal, “apanhado nas malhas das obrigações entrelaçadas e não raro contraditórias que decorriam de seus deveres de pai, senhor, vassalo e súdito”. Ginzburg (1987: 16), por seu turno, buscou analisar diversos aspectos da vida de Menocchio: “(...) suas idéias e sentimentos, fantasias e aspirações. (...) suas atividades econômicas, (...) a vida de seus filhos”. Na historiografia brasileira, destaco o trabalho de Maria Elena Bernardes (1994: 44) sobre a militante Laura Brandão, no qual a autora buscou reconstruir a trajetória da personagem: “(...) investigando como viveu suas experiências no feminino, sua condição de mulher de vanguarda, sua militância política, percebendo em que medida sua atuação na vida pública influenciou ou alterou sua vida privada e vice-versa.”

Tais exemplos mostram que a concepção do indivíduo como ser unitário, que atravessa linearmente o período de uma vida, vem sendo fortemente contestada pelos estudos recentes. Para o historiador Michel de Certeau (1984: xi), cada homem deve ser entendido como “um *locus* no qual uma incoerente e freqüentemente contraditória pluralidade de determinações relacionais interagem”. No mesmo sentido, o sociólogo Pierre Bourdieu (1986: 70), criticando o método das histórias de vida, opôs-se ao que chamou de “ilusão biográfica”. Para ele, os pesquisadores que utilizam esse método geralmente partem de uma noção de identidade “entendida como constância a si mesmo de um ser responsável, ou seja, previsível ou pelo menos inteligível”, oposto ao “sujeito fracionado, múltiplo” da realidade.

No âmbito do jornalismo, já é notório o interesse em investigar a vida privada dos homens públicos, muitas vezes beirando o sensacionalismo. Moraes, por exemplo, incluiu no seu livro sobre Assis Chateaubriand uma cena em que dona Branquinha, primeira mulher do personagem, reclama depois da noite de núpcias que o marido havia se enxugado na toalha dela e que isso daí para a frente estava proibido. “Como fui saber uma coisa dessas se dona Branquinha já morreu e o Chatô jamais mencionou ou escreveu a respeito?”, pergunta o autor. Ele mesmo responde: “Ela contou para Marizia Portinari, sobrinha do pintor, que me contou” (apud Mayrink e Gama, 1994: 107).

Contudo, para além desta saborosa recriação dos incidentes do dia-a-dia, não percebo, nas biografias escritas por jornalistas, uma preocupação em discutir, implícita ou explicitamente, as articulações entre vida pública e vida privada, entre cotidiano e não-cotidiano, entre atos racionais e motivações irracionais etc. Essa é uma tarefa que vem sendo levada a cabo pelos historiadores nos últimos anos. Assim, por exemplo, no mencionado trabalho

da historiadora Maria Elena Bernardes (1994: 44), existe a preocupação de “olhar o cotidiano como uma lente que adentra as classes sociais, tentando perceber as relações entre vida comum e os movimentos da história”. No meu estudo sobre o militante operário Antônio Guedes Coutinho, igualmente, percebi que só poderia analisar com mais profundidade a atuação político-ideológica do mesmo se levasse em conta a sua vida cotidiana. Assim, construí a biografia do personagem a partir de quatro ângulos: a família, o trabalho, o estudo e a militância. Desta forma, pude compreender melhor, por exemplo, por que este socialista aderiu ao espiritismo kardecista, fato que está relacionado com a morte de sua filha, fato que pertence ao âmbito da intimidade (Schmidt, 1996: 71-72).

Por fim, quero mencionar um outro aspecto importante, relacionado com a elaboração e publicação de biografias: a questão ética. Até que ponto podemos invadir a vida de um personagem, expor seus segredos, explicitar suas mazelas? O biógrafo pode apropriar-se da imagem de seu biografado? Problemas como estes ganharam as páginas da imprensa brasileira em função da disputa judicial entre Ruy Castro, biógrafo do craque de futebol Garrincha, e as dez filhas do jogador. Estas últimas alegavam não terem sido consultadas, nem autorizado a publicação do livro *Estrela solitária*. Dessa forma, estaria sendo violado o direito de imagem, previsto na Constituição, que as mesmas detêm como herdeiras naturais do jogador (cf. Veja, 1995: 111). Segundo Baldi (1996: 42), a apreensão pela Justiça do referido livro “confronta as prerrogativas de liberdade de expressão ao direito à privacidade”.

Portanto, além de qualidades estilísticas, técnicas e historiográficas, uma biografia precisa ter ainda outro elemento que, pelo seu caráter subjetivo, pode ser sempre alvo de disputas e discussões: o respeito pela memória do biografado. Acredito que os biógrafos – historiadores e jornalistas – devem sempre levar em conta a seguinte passagem do livro *A mulher calada*, de Janet Malcolm (1995: 16-17), no qual a autora examina as diversas biografias já escritas sobre Sylvia Plath, considerada uma das grandes poetisas do século XX. Diz ela:

A biografia é o meio pelo qual os últimos segredos dos mortos famosos lhes são tomados e expostos à vista de todo mundo. Em seu trabalho, de fato, o biógrafo se assemelha a um arrombador profissional que invade uma casa, revira as gavetas que possam conter jóias ou dinheiro e finalmente foge, exibindo em triunfo o produto de sua pilhagem. O voyeurismo e a bisbilhotice que motivam tanto os autores quanto os leitores das biografias são encobertos por um aparato acadêmico destinado a dar ao empreendimento uma aparência de amenidade e solidez semelhantes às de um banco. O biógrafo é apresentado quase como uma espécie de benfeitor. Sacrifica anos de sua vida no trabalho, passa horas intermináveis consultando arquivos e

bibliotecas, entrevistando pacientemente cada testemunha. Não há nada que não se disponha a fazer, e quanto mais o livro refletir sua operosidade, mais o leitor acreditará estar vivenciando uma elevada experiência literária e não simplesmente ouvindo mexericos de bastidores e lendo a correspondência alheia. Raramente se leva em conta a natureza transgressiva da biografia, mas ela é a única explicação possível para a popularidade do gênero. A incrível tolerância do leitor (que ele não estenderia a um romance mal escrito como a maior parte das biografias) só faz sentido se for entendida como uma espécie de cumplicidade entre ele e o biógrafo numa atividade excitante e proibida: atravessar o corredor na ponta dos pés, parar diante da porta do quarto e espiar pelo buraco da fechadura.

Neste ensaio, examinei algumas questões sugeridas pela produção atual de biografias. Acredito que elas merecem ser aprofundadas e debatidas por todos aqueles que se interessam pelo gênero em questão.

### Referências bibliográficas

- ÂNGELO, Ivan. "Vida invadida: 'A mulher calada' critica biografias e biógrafos", *Veja*, São Paulo, 13 set.1995, p. 127.
- BALDI, Renata. "Os caçadores da história", *Manchete*, Rio de Janeiro, 10 fev. 1996, p. 40-43.
- BENCHIMOL, Jaime (org.). "Narrativa documental e literária nas biografias", *Manguinhos: história, ciências, saúde*. Rio de Janeiro, vol. 2, nº 2, jul.-out. 1995, p. 93-113.
- BERNARDES, Maria Elena. "Laura Brandão: a invisibilidade feminina na política", *XII Encontro Regional de História: Cultura-Memória-Poder. Programa e Resumos*. Campinas, ANPUH/Núcleo Regional de São Paulo, 1994, p. 44.
- BOURDIEU, Pierre. "L'illusion biographique", *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, (62-63): 69-72, juin., 1986.
- BUENO, Eduardo. "O velho 'new journalism' está de volta", *Zero Hora*, Porto Alegre, 10 abr. 1994, Segundo Caderno, p. 7-10.
- CALDEIRA, Jorge. *Mauá: empresário do Império*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.
- CASTRO, Ruy. *O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Estrela solitária: um brasileiro chamado Garrincha*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.
- CEZAR, Temístocles. "Considerações acerca do estatuto do texto histórico",

- História em Revista*. Pelotas, EdUFPel, nº 2 (no prelo).
- CHARTIER, Roger. "A história hoje: dúvidas, desafios, propostas", *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, Cpdoc/FGV, vol. 7, nº 13, 1994, p. 97-113.
- CHAUSSINAND-NOGARET, O. "Biographique (Histoire)", em BURGUIÈRE, André (org.), *Dictionnaire des sciences historiques*. Paris, PUF, 1986, p. 86-87.
- COUTINHO, Sérgio Ricardo. "Caminhos e descaminhos de um soldado de Cristo: a trajetória político-religiosa de Victor Coelho de Almeida". *I Encontro Nacional de Pós-Graduandos em História: Resumos das Comunicações*. Rio de Janeiro, PPG em História da UFF, 1995, p. 148-149.
- DAVIS, Natalie Zemon. *O retorno de Martin Guerre*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- DE CERTEAU, Michel. *The practice of everyday life*. Berkeley/Los Angeles/Londres, University of California Press, 1984.
- DUARTE, Regina Horta. *A imagem rebelde: a trajetória libertária de Avelino Fúsculo*. Campinas, Pontes-Ed. da Unicamp, 1991.
- DUBY, Georges. *Guilherme Marechal ou o melhor cavaleiro do mundo*. Rio de Janeiro, Graal, 1987.
- \_\_\_\_\_. *A história continua*. Rio de Janeiro, Zahar/UFRJ, 1993.
- GINZBURG, Carlo. "Provas e possibilidades à margem de 'O retorno de Martin Guerre', de Natalie Zemon Davis", em *A micro-história e outros ensaios*. Lisboa, Difel, 1989.
- \_\_\_\_\_. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.
- HILL, Christopher. *O eleito de Deus: Oliver Cromwell e a Revolução Inglesa*. São Paulo, Companhia das Letras, 1988.
- HOBSBAWM, Eric. "O ressurgimento da narrativa. Alguns comentários", *RH – Revista de História*. Campinas, IFCH/Unicamp, inverno 1991, p. 39-46.
- LE GOFF, Jacques. "Comment écrire une biographie historique aujourd'hui?", *Le Débat*, n. 54, mars-avril 1989.
- LEVI, Giovanni. "Les usages de la biographie", *Annales*, ESC. Paris, Armand Colin, 44 année, nº 6, nov.-dec. 1989, p. 1325-1336.
- LIMA, Edvaldo Pereira. *O que é livro-reportagem*. São Paulo, Brasiliense, 1993.
- MALCOLM, Janet. *A mulher calada: Sylvia Plath, Ted Hughes e os limites da biografia*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.
- MAYRINK, Geraldo e GAMA, Rinaldo. "A história com sabor de notícia: Fernando Moraes, autor de Chatô, encabeça a leva de jornalistas que conquistam os leitores", *Veja*, São Paulo, 31 ago. 1994, p. 104-110.
- MIRANDA, Ana. *Boca do inferno*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.
- \_\_\_\_\_. *A última quimera*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.
- MORAIS, Fernando. *Chatô: o rei do Brasil, a vida de Assis Chateaubriand*. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.
- ORIEUX, Jean. "A arte do biógrafo", em DUBY, Georges e outros, *História e nova história*. Lisboa, Teorema, 1986.
- SCHMIDT, Benito Bisso. *Uma reflexão sobre o gênero biográfico: a trajetória*

## Construindo Biografias...

- do militante socialista Antônio Guedes Coutinho na perspectiva de sua vida cotidiana (1868-1945). Porto Alegre, Dissertação de mestrado em História – UFRGS, 1996.
- STONE, Lawrence. "O ressurgimento da narrativa. Reflexões sobre uma nova velha história", *RH – Revista de História*. Campinas, IFCH/Unicamp, inverno 1991, p. 13-37.
- THOMPSON, E. P. *Miseria de la teoria*. Barcelona, Grijalbo, 1981.
- TORRES, Félix. "Du champs des Annales à la biographie: réflexions sur le retour d'un genre", em *Problèmes et méthodes de la biographie. Actes du colloque*. Paris, Sorbonne, 3-4 mai. 1985.
- VEJA. "O grito das herdeiras: as filhas de Garrincha tentam embargar uma biografia do craque, alegando que têm direitos sobre a imagem do pai". São Paulo, 25 out. 1995, p. 111.
- VOVELLE, Michel. "De la biographie à l'étude de cas", em *Problèmes et méthodes de la biographie. Actes du colloque*. Paris, Sorbonne, 3-4 mai. 1985.

(Recebido para publicação em fevereiro de 1997)